

Uma recuperação fora do comum

Category: Economic outlook, Posts in Portuguese
written by oecdoscope | May 31, 2021



Laurence Boone,
Economista-Chefe da OCD

English | Français | Español | Deutsche

É com certo alívio que observamos uma melhoria nas perspectivas económicas, mas com certo desconforto que percebemos que essa melhoria ocorre de uma forma muito desigual. Em meio a novos surtos do vírus, os quais são menos frequentes, mas mais difusos ao redor do mundo, o crescimento global continua a se recuperar. Projetamos um aumento de quase 6% na produção global este ano, um aumento impressionante após a contração de 3,5% em 2020. Apesar do fato de que essa recuperação fará com que a maior parte do mundo retorne aos níveis de PIB anteriores à pandemia até o fim de 2022, isso está longe de ser suficiente. A economia global continua abaixo de sua trajetória de crescimento pré-pandemia e, em muitos países da OCDE, os padrões de vida no fim de 2022 não voltarão aos níveis antes esperados.

Real GDP growth

% change, year-on-year, colours indicate the direction of revisions since the December 2020 Economic Outlook

↓ downward revision, by 0.3pp or more

— no change or smaller than 0.3pp

↑ upward revision, by 0.3pp or more

	2020	2021	2022		2020	2021	2022
 World	-3.5 ↑	5.8 ↑	4.4 ↑	 G20	-3.1 ↑	6.3 ↑	4.7 ↑
 Australia	-2.5 ↑	5.1 ↑	3.4 ↑	 Argentina	-9.9 ↑	6.1 ↑	1.8 ↓
 Canada	-5.4 —	6.1 ↑	3.8 ↑	 Brazil	-4.1 ↑	3.7 ↑	2.5 ↑
 Euro area	-6.7 ↑	4.3 ↑	4.4 ↑	 China	2.3 ↑	8.5 ↑	5.8 ↑
 Germany	-5.1 ↑	3.3 ↑	4.4 ↑	 India*	-7.7 ↑	9.9 ↑	8.2 ↑
 France	-8.2 ↑	5.8 —	4.0 ↑	 Indonesia	-2.1 ↑	4.7 ↑	5.1 —
 Italy	-8.9 —	4.5 —	4.4 ↑	 Mexico	-8.2 ↑	5.0 ↑	3.2 —
 Spain	-10.8 ↑	5.9 ↑	6.3 ↑	 Russia	-2.6 ↑	3.5 ↑	2.8 ↑
 Japan	-4.7 ↑	2.6 ↑	2.0 ↑	 Saudi Arabia	-4.1 ↑	2.8 ↓	3.8 —
 Korea	-0.9 —	3.8 ↑	2.8 ↓	 South Africa	-7.0 ↑	3.8 ↑	2.5 —
 United Kingdom	-9.8 ↑	7.2 ↑	5.5 ↑	 Turkey	1.8 ↑	5.7 ↑	3.4 —
 United States	-3.5 —	6.9 ↑	3.6 —				

Ações políticas rápidas ajudaram na recuperação econômica e sanitária. Agora, 16 meses após o início da pandemia, muitos países estão lidando melhor com novos surtos do vírus. Os governos administraram cerca de 2 bilhões de doses de vacinas e a capacidade global para testar, produzir e administrar essas vacinas melhorou rapidamente. A rede de políticas de proteção sem precedentes que os governos implantaram preservou o tecido econômico, as empresas e os empregos na maioria dos países desenvolvidos e em alguns países emergentes. O apoio emergencial das políticas – seja em relação à saúde, com velocidade recorde para o desenvolvimento de vacinas, monetário, fiscal ou financeiro- nunca foi tão rápido e eficaz. Como resultado, o setor manufatureiro está crescendo rapidamente, o comércio de mercadorias está se recuperando bem à medida que as fronteiras reabrem e as viagens estão sendo retomadas pouco a pouco. Além disso, a reabertura é acompanhada por um aumento do consumo e das horas trabalhadas, o que é muito encorajador, pois deve limitar as cicatrizes que surgirão com a crise.

No entanto, ainda existem muitos desafios.

É bastante perturbador que economias emergentes e de baixa renda não estejam recebendo vacinas suficientes. Isso as deixa expostas a uma ameaça fundamental, já que elas têm menos capacidade para respaldar a atividade do que as economias mais

desenvolvidas. Um novo enfraquecimento do crescimento, provocado pelo vírus, seria mais difícil de se combater, resultando em novos aumentos na pobreza e potencialmente em dificuldades de financiamento soberano se os mercados financeiros comesçassem a estar preocupados. Isso é ainda mais preocupante porque, além do impacto sobre a vida e os meios de subsistência, o custo econômico e social global de manter as fronteiras fechadas supera em muito os custos de disponibilizar mais amplamente as vacinas, os testes e os insumos de saúde para esses países.

De forma mais ampla, enquanto a grande maioria da população mundial não estiver vacinada, todos nós permaneceremos vulneráveis ao surgimento de novas variantes. A confiança pode ser seriamente desgastada por novas restrições como confinamentos e o constante anda e para da atividade econômica. Uma parte das empresas, bem protegidas até agora, mas muitas vezes com dívidas maiores do que antes da pandemia, podem acabar falindo. Os membros mais vulneráveis da sociedade correm o risco de sofrer ainda mais com períodos prolongados de inatividade ou renda reduzida, exacerbando as desigualdades, dentro dos países e entre eles, e potencialmente desestabilizando economias.

Um novo risco, muito debatido, é a possibilidade de inflação mais alta. Os preços das matérias primas têm subido rapidamente. Os gargalos em alguns setores e as perturbações no comércio internacional têm criado tensões sobre preços. Essas perturbações devem começar a desaparecer no fim do ano à medida que a capacidade de produção se normaliza e o consumo se reequilibra entre os bens e os serviços. Os mercados de trabalho ainda estão muito fracos, limitando o crescimento dos salários. Nesse contexto, enquanto as expectativas de inflação permanecerem bem ancoradas e o crescimento dos salários permanecer reduzido, acreditamos que os bancos centrais permanecerão vigilantes, mas não se preocuparão com esses aumentos temporários de preços. Em nossa opinião, o mais

preocupante é o risco de que os mercados financeiros comecem a se preocupar com aumentos temporários e ajustes relativos de preços, aumentando, assim, as taxas de juros de mercado e a volatilidade. É preciso vigilância.

Quando surgem gargalos em setores nos quais a produção é altamente concentrada, como os chips eletrônicos, ameaçando grandes partes da cadeia produtiva, os governos devem fazer o máximo para reduzir essas tensões por meio de maior cooperação no comércio e medidas para diversificar as fontes de aprovisionamento. Uma das principais lições que tiramos dessa crise é prestar mais atenção à resiliência das cadeias de aprovisionamento, conforme evidenciada pelos picos de preços em setores com excessiva concentração de produção. De forma geral, os governos também têm um papel a desempenhar no enfrentamento das ameaças de inflação ao buscar políticas que elevem o crescimento potencial da produção e fortaleçam a concorrência e o comércio.

À medida que os países transitam para melhores perspectivas, seria perigoso acreditar que os governos já estão fazendo o suficiente para impulsionar e melhorar o crescimento, principalmente quando se considera o objetivo da descarbonização. Medidas para pessoas e empresas, flexíveis e adaptadas à situação específica, são essenciais para consolidar as expectativas de que o apoio fiscal será mantido e bem direcionado enquanto as economias não voltarem à situação de pleno emprego ou se aproximarem dela. Em particular, é essencial o fortalecimento dos balanços de pequenas empresas viáveis por meio do diferimento de impostos ou subsídios. Além disso, é importante que seja disponibilizado investimento público suficiente para as transições digital e verde e que os fundos sejam gastos de forma rápida e eficiente, o que também ajudaria a incentivar o investimento privado nessas áreas. Por fim, a confiança seria reforçada ao sinalizar que uma estrutura fiscal clara, eficaz e sustentável será implementada e que planos fiscais de médio

prazo estão começando a ser desenvolvidos, com base em revisões dos gastos públicos, para garantir que as prioridades correspondam às ambições e às necessidades dos cidadãos, além de reavaliações dos sistemas tributários para garantir uma tributação justa, eficiente e progressiva.

A economia mundial está caminhando em direção à recuperação, mas ainda com muitos obstáculos. É alto o risco de que não seja alcançado um crescimento pós-pandêmico suficiente ou que ele não seja amplamente compartilhado. Isso dependerá muito da adoção de marcos flexíveis e sustentáveis para as políticas públicas e da qualidade da cooperação internacional.

<http://www.oecd.org/economy/retrato-economico-do-brasil/>

<http://www.oecd.org/economy/retrato-economico-portugal/>

Transformando esperança em realidade

Category: COVID-19, Economic outlook, Posts in Portuguese
written by oecdecoscope | May 31, 2021



Español | English | Français



Laurence Boone,
Economista-Chefe da OCDE

Pela primeira vez desde o início da pandemia, agora há esperança de um futuro melhor. O progresso com vacinas e tratamento aumentou as expectativas e a incerteza diminuiu. Graças à ação sem precedentes dos governos e dos bancos centrais, a atividade global se recuperou rapidamente em muitos setores, embora algumas atividades de serviços continuem prejudicadas pelo distanciamento físico. O colapso do emprego foi parcialmente revertido, mas um grande número de pessoas continua subempregado. A maioria das empresas sobreviveu, embora financeiramente enfraquecida em muitos casos. Sem um apoio político massivo, a situação econômica e social teria sido calamitosa. O pior foi evitado, a maior parte do tecido econômico foi preservado e pode se recuperar rapidamente, mas a situação continua precária para muitas pessoas, empresas e países vulneráveis.

O caminho à frente é mais brilhante, mas desafiador. No momento em que este relatório foi escrito, o número global de mortes subiu para 1,5 milhão, ondas subsequentes atingiram muitos países e a primeira onda continua forte em outros. Enquanto se espera por vacinas eficazes a serem amplamente distribuídas ou algum avanço no tratamento, esperançosamente no curso de 2021 para a maioria das pessoas, a gestão da pandemia ainda imporá limites à economia. A atividade econômica continuará com menos interações físicas e fronteiras parcialmente fechadas por mais alguns trimestres. Alguns setores vão recuperar força, outros ficarão paralisados. As economias em desenvolvimento ou emergentes onde o turismo é importante continuarão a ver sua situação se deteriorar e exigirão mais ajuda internacional. As políticas deverão continuar a sustentar com vigor a atividade econômica, tanto mais que o fim da crise da saúde está próximo.

A economia global vai ganhar impulso ao longo dos próximos dois anos, com o PIB global em níveis pré-pandemia ao final de 2021. Após um acentuado declínio este ano, o PIB global deve crescer ao redor de $4\frac{1}{4}\%$ em 2021, e mais um $3\frac{3}{4}$ por cento em

2022. O progresso científico, os avanços farmacêuticos, o rastreamento e o isolamento mais eficazes e os ajustes no comportamento das pessoas e empresas ajudarão a manter o vírus sob controle, permitindo que as restrições à mobilidade sejam eliminadas progressivamente. É importante ressaltar que as políticas de apoio a empregos e empresas, em vigor desde o início da pandemia, permitirão uma recuperação mais rápida quando as restrições forem suspensas. Junto com a redução da incerteza, essas melhorias devem estimular o uso da poupança acumulada para fomentar o consumo e o investimento. O alívio fiscal fornecido ao longo de 2020 foi excepcional e necessário, e dará frutos. A recuperação será mais forte e mais rápida, à medida que mais e mais atividades forem reabertas, limitando a perda de renda causada pela crise.

Projetamos que a recuperação será desigual entre os países, potencialmente levando a mudanças duradouras na economia mundial. Os países e regiões com sistemas eficazes de teste, rastreamento e isolamento, e aqueles onde a vacina será implantada rapidamente, provavelmente terão um desempenho relativamente bom, embora a fraqueza geral da demanda global os atalhe. A China, que começou a se recuperar mais cedo, deve crescer fortemente, respondendo por mais de um terço do crescimento econômico mundial em 2021. As economias da OCDE vão se recuperar, crescendo 3,3% em 2021, mas se recuperando apenas parcialmente da profunda recessão de 2020. A contribuição da Europa e da América do Norte para o crescimento global será menor do que o seu peso na economia global.

As perspectivas continuam a ser excepcionalmente incertas, com riscos no sentido da alta e da baixa. Entre os riscos ascendentes destacam-se campanhas de vacinação eficientes e uma melhor cooperação entre os países, que podem acelerar a distribuição da vacina em todo o mundo. Por outro lado, o atual ressurgimento do vírus em muitos lugares nos lembra que os governos podem ser forçados novamente a apertar as

restrições à atividade econômica, especialmente se a distribuição de vacinas eficazes progredir lentamente. A confiança seria prejudicada se a distribuição da vacina ou os possíveis efeitos secundários se mostrassem decepcionantes. O impacto sobre a economia pode ser severo, por sua vez aumentando o risco de turbulência financeira para soberanos e empresas frágeis, com possíveis repercussões globais.

Apesar do enorme curativo que as políticas estão aplicando à economia, e mesmo em um cenário positivo, a pandemia terá danificado o tecido socioeconômico de países em todo o mundo. A produção deverá permanecer uns 5% abaixo das expectativas pré-crise em muitos países em 2022, implicando custos permanentes substanciais da pandemia. Os mais vulneráveis continuarão a sofrer desproporcionalmente. As empresas pequenas e os empreendedores têm maior probabilidade de encerrar suas atividades. Muitos trabalhadores de baixa renda perderam seus empregos e são cobertos apenas pelas políticas assistenciais, na melhor das hipóteses, com poucas perspectivas de encontrar novos empregos em breve. As pessoas que vivem na pobreza, muitas vezes pouco protegidas pelas redes de seguridade social, viram sua situação piorar ainda mais. Crianças e jovens de origens menos privilegiados e trabalhadores adultos menos qualificados muitas vezes não conseguiram aprender a trabalhar a partir de casa, com danos potencialmente duradouros.

Os governos terão que continuar usando seus instrumentos de maneira ativa, com melhor direcionamento para ajudar aos mais atingidos pela pandemia. O fato de que as vacinas estão à vista sugere que este não é o momento de reduzir o apoio, como foi feito muito cedo após a crise financeira global. Em vez disso, as políticas econômicas e de saúde devem trabalhar de mãos dadas. As medidas de saúde pública devem ser redobradas para limitar o impacto de novos surtos do vírus e das restrições associadas. Também é crucial que as políticas garantam um apoio fiscal contínuo para manter ativos os

setores, as empresas e os empregos associados. As lições dos últimos nove meses mostram que essa ação política foi e continua sendo apropriada. As políticas monetária e fiscal precisarão continuar trabalhando vigorosamente na mesma direção, pelo menos enquanto a crise da saúde ameaçar atividades econômicas e empregos que seriam viáveis em circunstâncias normais.

O ativismo político mais intenso não deve ser fonte de preocupação, se implantado para proporcionar um crescimento mais forte e mais justo. O forte apoio fiscal está empurrando a dívida pública para níveis muito elevados, mas o custo da dívida está em níveis muito baixos. Uma característica marcante das perspectivas é a ausência de correlação entre o tamanho do apoio fiscal e o desempenho econômico resultante, sugerindo que nem todas as medidas foram aplicadas com sabedoria. O apoio monetário e fiscal sem precedentes não pode ser desperdiçado; deve ser canalizado para um crescimento econômico mais forte e melhor. Existem pelo menos três prioridades para os formuladores de políticas. Primeiro, investir em bens e serviços essenciais, como educação, saúde, infraestrutura física e digital. Em segundo lugar, ações decisivas para reverter de forma duradoura o aumento da pobreza e da desigualdade de renda. Terceiro, cooperação internacional: o mundo não pode resolver uma crise global por meio de ações individuais e introvertidas.

Um redirecionamento dos gastos públicos para bens e serviços essenciais daria um sinal de que os governos aprenderam lições com a crise. A necessidade de aumentar a resiliência deve impulsionar o investimento público e privado em saúde, educação e infraestrutura. Melhor resiliência em saúde não é apenas questão de distribuição de vacinas e de leitos em unidades de terapia intensiva, mas também implica medidas de prevenção e a disponibilidade de cuidados médicos para todos a preços acessíveis. O reforço da resiliência também envolve investir nas competências das pessoas, garantindo melhores

resultados na educação e no mercado de trabalho e, em última instância, um maior crescimento e bem-estar. Este caminho começa com recursos maiores e mais bem direcionados para os primeiros anos da educação, com um corpo docente e administrativo mais capacitado e melhor remunerado, bem como uma melhor formação contínua, especialmente para grupos vulneráveis, incluindo mães e pais em dificuldades. Muitas vezes, as crises anteriores resultaram em menores investimentos e em lacunas duradouras na infraestrutura, inclusive em energia digital e descarbonizada. Isso precisa mudar.

O apoio aos mais vulneráveis, especialmente crianças, jovens e menos qualificados, que não foram plenamente protegidos do impacto da crise, terá de se intensificar. Os sistemas de educação podem melhorar em muitos países, aproveitando as lições tiradas da crise. Os governos devem investir para garantir que todas as famílias, professores e alunos tenham acesso à banda larga de boa qualidade e estejam equipados para educação digital, especialmente para aqueles em situações desfavorecidas. A crise mostrou a urgência de aprimorar as habilidades digitais. Também revelou deficiências nos sistemas de proteção social. A política fiscal deve ser mais bem direcionada aos grupos vulneráveis fora do sistema de seguridade social normal que não foram elegíveis para a ajuda adicional fornecida até agora, para seu próprio benefício e o benefício da sociedade como um todo.

Finalmente, a cooperação internacional vacilou nos últimos anos, exatamente quando foi mais necessária do que nunca. A crise financeira “global” foi principalmente uma crise de algumas economias avançadas, mas desencadeou uma resposta cooperativa sem precedentes. A pandemia é a primeira crise totalmente global desde a Segunda Guerra Mundial: ela foi enfrentada com respostas nacionais massivas, mas com fronteiras fechadas e pouca cooperação. O protecionismo e o fechamento de fronteiras não são a resposta: eles impedem a

distribuição de bens essenciais no mundo inteiro e penalizam as economias que dependem da participação em cadeias de valor globais para alcançar maiores níveis de renda. Isso deve ser revertido. A produção e distribuição ampla, rápida e generosa de tratamentos médicos e vacinas eficazes deve ser organizada para todos os países. Os fóruns multilaterais devem redobrar seus esforços com respeito à transparência da dívida e uma moratória de dívida quando necessário, enquanto a supervisão financeira precisa prestar muita atenção ao endividamento das empresas. O mundo deve evitar que esta crise econômica e de saúde também se transforme numa crise financeira.

Quando questionados sobre como será o mundo pós-Covid-19, esperamos que a resposta seja: “talvez basicamente o mesmo, mas um pouco melhor”.

<http://www.oecd.org/economy/retrato-economico-do-brasil/>

<http://www.oecd.org/economy/retrato-economico-portugal/>